



Edson Xôhtyc Krahô é professor na Escola Indígena Toro Hacrô na aldeia Pedra Branca, Terra Indígena Kraholândia.

Ele é pesquisador da musicalidade Mẽhĩ e liderança local. É, ainda, acadêmico do Curso de Educação Intercultural do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Goiás.

Os Mẽhĩ Krahô vivem no nordeste do Estado do Tocantins, na Terra Indígena Kraholândia, nos municípios de Itacajá e Goiatins, entre os rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno, que são afluentes da margem direita do Rio Tocantins. O território Mẽhĩ é constituído predominantemente pelo Cerrado, contribuindo para a preservação de cerca de 300.000 ha. do bioma. A população Mẽhĩ se compõe por mais de 3.000 pessoas que vivem em cerca de 40 aldeias.

Tais Põcuhto Krahô



PÀR KÔ KÂM PR4RE MĚ PR4RE JARA

EDSON XÔHTYC KRAHÔ

EDSON XÔHTYC KRAHÔ

PÀR KÔ KÂM PR4RE MĚ PR4RE JARA



Coleção
ALFABECANTAR:
CANTANDO O CERRADO VIVO



A coleção Alfabecantar: cantando o cerrado vivo é dedicada aos docentes indígenas e não indígenas da educação básica. Seu objetivo é abrir espaços para o diálogo, superar desafios e vencer obstáculos, por meio da construção de uma proposta pedagógica intercultural crítica. Através dela é possível questionar a colonialidade presente na sociedade e na educação, promover na escola o reconhecimento da diversidade de saberes, o diálogo entre diferentes conhecimentos, favorecendo processos de construção coletiva na perspectiva de projetos para o bem viver. Todas essas questões encontram-se no chão da escola e devem ser consideradas a partir da alfabetização, fase importantíssima de criatividade, quando o/a professor/a pode levar ao aluno opções de materiais que o façam experimentar as mesmas sensações de alegria e de prazer vividas por qualquer criança que descobre a magia e o encanto das aprendizagens em sua comunidade. Não fica dúvida de que a música e a criatividade dão testemunho da profundidade e plasticidade das relações interculturais, assim como das formas de enriquecimento mútuo.

Professora Dra. Maria do Socorro Pimentel da Silva (Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena/Universidade Federal de Goiás).



EDSON XÔHTYC KRAHÔ

Coleção

ALFABECANTAR:
CANTANDO O CERRADO VIVO

Edson Xôhtyc Krahô

PÀR KÔ KĀM PR4RE MĚ
PR4RE JARA

1ª EDIÇÃO



RIO DE JANEIRO, 2020



FICHA TÉCNICA

Edição: Aline Rochedo Pachamama

Projeto Gráfico e diagramação: Thiago Isolino Sales Mato

Tratamento de imagens: Thiago Isolino Sales Mato

Revisão: Tainá Barreto

Organizador e diretor da coleção: Alexandre Ferraz Herbetta

Assessoria: José Dilson Cuxy Krahô

Assessoria: Joana Aparecida Fernandes da Silva

COLABORADORES / ILUSTRADORES

Senhor José Miguel Kõejõ,

Senhor Miguelito Cawkre Krahô,

Professor Dirço Pôtyt Krahô,

Senhor Domingos Marcos Kraté,

Amazona Jaje,

Balbino Pahcajhê,

Edvaldo Paraty Krahô (desenhista),

Ovídio Kunry Krahô

CONSELHO EDITORIAL

Aline Rochedo Pachamama

Aliria Wiura Guajajara

Luciane Simões Medeiros

Tatiana Fagundes



CRB7 6590 Maria Fernanda Nogueira

K89 Krahô, Edson Xôthyc

Pàr Kô Kâm Pryre Më Pryre Jara. / Edson Xôthyc Krahô. –
Rio de Janeiro : Pachamama, 2020.

60 p. : il. ; 15x21,8 cm. – (Alfabetantar: cantando o Cerrado
vivo, 3)

ISBN 978-65-5735-003-4

1. Educação indígena - Brasil. 2. Música na educação. 3.
Indígenas Krahô. 4. Línguas indígenas. 5. Tronco linguístico macro-jê.
I. Título. II. Série.

CDD 372.87

ACESSE O CONTEÚDO DIGITAL
[HTTP://ALFABECANTAR.WORDPRESS.COM](http://alfabecantar.wordpress.com)



 www.pachamamaeditora.com.br

 Pachamama-Editora

 pachamamaeditora@gmail.com

 pachamamaeditora

PÀR KÔ KĀM PR4RE MĚ PR4RE JARA

ALFABECANTAR: CANTANDO O CERRADO VIVO



SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	9
PÀR KÔ KĂM PR4RE MĚ PR4RE JARA.....	19
LISTA DE ANIMAIS E OS NOMES PRÓPRIOS.....	25
ROPTI / ROPRE / ONÇA.....	29
TUTTI / POMBO.....	30
PR4XUMTI / TEIÚ.....	30
AMXÔ / RATO.....	31
PÂTRE / MAMBIRA / TAMANDUÁ MIRIM.....	31
CUMTUM / CAPIVARA.....	32
MĂĂ / EMA.....	33
JACÚ / P4TEC.....	34
CUUKĚN / CUTIA.....	35
CRA / PACA.....	36
LOBO QUARÁ.....	37
CRÔRE / CAITETU.....	38
KÔC / CAMALEÃO.....	38
RÔHTI / TUCANO.....	39
CRUKR4T / ANTA.....	39
KRĚTI / PERIQUITO.....	40
KROKROC / PAPA-MEL.....	40

HÂCTI / ÇAVIÃO.....	41
XÊP / MORCEGO.....	42
PO / VEADO CAMPEIRO.....	42
WAKÖ / QUATI.....	43
MIITI / JACARÉ.....	43
AHTORE / AIAMBÚ.....	44
TÔN / TATU.....	44
PÊÊKÊ / PERDIZ.....	45
CUPYT / ÇUARIBA.....	46
XÔNTI / URUBU.....	47
CARÀRE / CATINGUEIRA.....	48
CROJ / QUANDÚ.....	48
XORE / RAPOSA.....	49
AWXÉT / TATU-PEBA.....	50
RÖR / COCO BABAÇU.....	50
RÖR / COQUINHO.....	51
TERÊRE / AÇAI DO BREJO.....	51
AWAR / INAJÁ.....	52
JWÔWÔTI / PATI.....	52
RON HÁC / MACÚBA.....	53
CÔPER / CAAPÊR / BACABA.....	53
CROW / CROWRARE / BURITI.....	54
PÖJKÖRE / JATOBÁ-DO-VAQUEIRO.....	54

CUMXÊ / BACURI.....	55
ACÁRE / CANDEIA.....	55
PRIN / PEQUI.....	55
KEN / PEDRA.....	55
EPÍLOGO.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59
NOTAS DE FIM.....	60



PÀR KÔ KĀM PR4RE MĚ PR4RE JARA





PRÓLOGO

ALFABECANTAR

CANTANDO O CERRADO VIVO¹

Alexandre Herbetta²

Uma das lembranças mais agradáveis que tenho da minha infância é a de meu avô me ensinando a ler. Mas não ler as palavras dos livros e, sim, os sinais da natureza, sinais que estão presentes na floresta e que são necessários saber para poder nela sobreviver. Meu avô deitava-se sobre a relva e começava a nos ensinar o alfabeto da natureza: apontava para o alto e nos dizia o que o voo dos pássaros queria nos informar.

Daniel Munduruku (2017, p.1)

A presente coleção *Alfabecantar: cantando o Cerrado vivo* busca problematizar e propor materiais didáticos e paradidáticos para uso em escolas indígenas (e não indígenas), elaborados a partir de outras bases epistêmicas e relacionados aos campos do multiletramento e da interculturalidade crítica.

Desta maneira colabora para a superação de antiga lacuna (ainda presente) no campo da educação escolar indígena, qual seja a da produção de materiais didáticos contextualizados. Da mesma forma, busca gerar reformulações curriculares profundas para que o currículo das escolas indígenas tenha como base distintas epistemologias, particulares a cada povo originário³.

A coleção tem como base a autoria indígena, estimulando a produção de intelectuais que têm a condição concreta de se expressar

por meio de suas epistemologias, demandas e realidades.⁴ Neste sentido, a criação e o desenvolvimento da coleção promovem um amplo processo de interaprendizagem, colaborando para a formação de docentes, assim como de lideranças, e incentivam a atuação na e por meio da educação escolar na luta de seus povos em direção ao bem viver.

As autoras e autores produzem aqui conhecimento inovador e complexo sobre os temas em questão, contribuindo com a complexidade do mundo contemporâneo. Neste sentido, Daniel Munduruku afirma que

Hoje, pensando naquele tempo, sinto que a sabedoria dos povos indígenas está além da compreensão dos homens e mulheres da cidade. Não apenas pelo fato de serem sociedades diferenciadas, mas por terem desenvolvido uma leitura do mundo que sempre dispensou a escrita, pois entendiam que o próprio mundo desenvolve um código que precisa ser compreendido. E apenas os alfabetizados nesta linguagem são capazes de fazer esta leitura (2017, p.1).



Os materiais apresentados nesta primeira parte da coleção seguem também o processo de efetivação de novas práticas pedagógicas musicais e de reformulações curriculares efetivadas por professoras e professores Krahô e Apinajé, povos originários Timbira do Brasil Central. Os Timbira, falantes de línguas Jê, são constituídos, ainda, pelas populações Krikati, Gavião Pykobjê, Gavião Parkatejê, Canela Apanjekra e Canela Ramkokamekra, e vivem em seus territórios entre o nordeste do Tocantins e o sul do Maranhão, estendendo-se até o Pará.

Nesta ampla região predomina o bioma Cerrado, altamente ameaçado pelo desenvolvimentismo predatório do capitalismo brasileiro, tema central da coleção, cujo subtítulo é “cantando o Cerrado vivo”.



Falar dos Timbira é falar do Cerrado. E falar do Cerrado é falar dos Timbira e dos povos indígenas do Brasil Central. A existência do Cerrado, no sul do Maranhão e Norte do Tocantins, depende dos Timbira não só porque as Terras Indígenas que foram



reconhecidas pelo Estado brasileiro constituem importantes reservas da biodiversidade do Cerrado, mas porque ele guarda em sua paisagem a presença desses povos e do seu modo de ocupação e exploração (Ladeira, 2012, p.8)

As experiências pedagógicas e musicais apresentadas se dão, ainda, em relação ao Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena (NTFSI), localizado na Universidade Federal de Goiás (UFG), espaço de pesquisa e formação no campo da educação escolar indígena e da educação intercultural. Este espaço tem origem em 2007 e conta atualmente com cerca de 300 docentes de 28 distintas populações originárias, dos estados do Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Tocantins e Minas Gerais. Há mais de cento e cinquenta docentes egressos em nível de graduação e outros cem em nível de especialização. Estes centros de formação e pesquisa são fruto das conquistas do movimento indígena organizado especialmente na década de 1980 e buscam colaborar para a consolidação de uma educação escolar contextualizada e contra colonial.

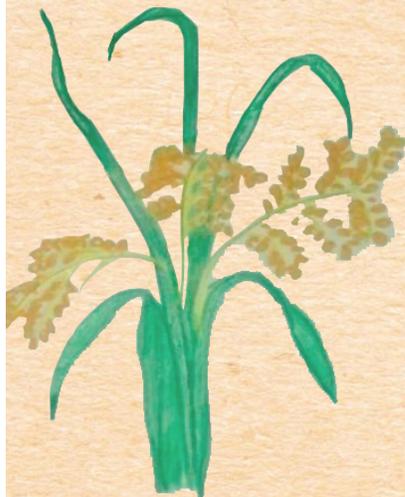
No processo de formação acadêmica, as professoras e os professores imaginam e praticam um novo mundo possível, baseado em relações mais simétricas e em práticas mais sustentáveis. Um mundo, por exemplo, pautado no alfabetantar.

A noção e a prática da sustentabilidade é central no Projeto Político Pedagógico do Curso de Educação Intercultural Indígena do NTFSI, assim como a dinâmica dos temas contextuais (Herbetta, 2019), a qual constitui matriz curricular que se afasta da disciplinarização do conhecimento, gerando pedagogias contextualizadas nas demandas contemporâneas dos povos originários e potencializando culturas vivas, pautadas, por exemplo, nas diversas musicalidades.

Segundo Sheila Baxy Apinajé, no processo de elaboração de novas práticas pedagógicas em escolas Apinajé,

utilizei, sobretudo, o método do tema contextual (TC), buscando problematizar nossa realidade, tomando como base, práticas de sustentabilidade territorial e a





epistemologia Panhi (indígena). Aprendi sobre os TCs no Curso em Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás (UFG), que forma alunos indígenas em nível superior [...] Percebi, até o momento, a importância do tema contextual para retomar práticas, relações e saberes entre nós, Apinajé. Entendi que o TC deve ser desenvolvido a partir da problematização do mundo e que desta forma o tema terá sentido para a comunidade. Ficou claro também a importância da articulação de atividades de problematização, atividades práticas e atividades comunitárias (2019, pp.1-9).

Nas escolas que fazem parte deste projeto se dão, portanto, processos de criação e efetivação de novas práticas pedagógicas e de reformulações curriculares, que tendem a ter como base atividades comunitárias, práticas e de problematização, fortalecendo a potencialidade presente nas distintas epistemologias, como a relação mais equilibrada com o meio ambiente, assim como fortalecendo relações fundamentais para existência, como a relação intergeracional entre jovens e anciãos/anciãs.

Nestes transformações escolares, a música parece promover a compreensão das relações e vínculos entre domínios diversos da vida e do mundo. Julio Kamer Apinajé, por exemplo, professor na Escola Indígena Tekator, da aldeia Mariazinha, em sua trajetória docente e acadêmica, buscou entender e atuar para mitigar o problema das queimadas em seu território. Segundo ele, as queimadas saíram do controle e ameaçam a vida no Cerrado. Neste processo, entendeu que a situação se conecta a diversos temas que vão das relações interétnicas, passa pela organização social e se articula ao esquecimento de cantos fundamentais para o mundo Apinajé.

Desta maneira, propõe, seguindo a epistemologia Panhi, que as crianças aprendam cantos territoriais para mitigar os efeitos da devastação ambiental. Para Kamer, tais cantos potencializam a sustentabilidade, já que colaboram para que as crianças passem a conhecer o bioma vivo e, ao longo de suas vidas, cuidem do território.

Kamer criou para expressar tal situação, o conceito alfabecantar, título desta coleção, apontando para a importância da música Apinajé. Para o autor, alfabecantar “indica a importância de efetivarmos um letramento do mundo musical, no qual se aprende pelo e no canto sobre a natureza indígena. Por meio da musicalidade temos acesso ao conhecimento da natureza” (2019, p.127). Nesta direção, propõe reflexões inovadoras e importantes sobre possibilidades de letramento e sobre a educação ambiental.

Os processos de alfabetização e letramento pensados normalmente no mundo acadêmico contemporâneo, entretanto, acabam relacionando-se exclusivamente à escrita. Desta forma, tais conceitos, na maioria das vezes, descontextualizam dinâmicas presentes em outras epistemologias, relacionadas ao entendimento de códigos fundamentais para a vida, como a musicalidade e hierarquizam processos distintos de entendimento de mundo. Subalternizam, ainda, populações que não possuem convencionalmente a escrita em seus processos tradicionais de relação com o universo. A escrita pode ser, assim, um mecanismo que divide e inferioriza determinadas populações.

A escrita pode ser, em outros casos, um meio de expressão que atua para fortalecer a oralidade (Pimentel, 2019). Para a autora, referência no campo da interculturalidade,

já se pode pensar nas seguintes funções para se escrever em línguas indígenas: (1) acordar os conhecimentos adormecidos; (2) vitalizar os espaços culturais; (3) documentar saberes; (4) fortalecer a memória; (5) incentivar a transmissão dos saberes tradicionais de uma geração a outra; (6) trazer lembranças dos conhecimentos ancestrais; (7) gerar motivo de conversas entre gerações e na mesma geração; (8) guardar conhecimentos; (9) atualizar a cultura; (10) fortalecer a escola e vinculá-la a outros espaços educativos das comunidades; (11) fortalecer a educação própria dos indígenas; (12) inovar a língua; (13) prestigiar as epistemologias indígenas; (14) divulgar





conhecimentos; (15) retomar saberes; (16) criar novos conhecimentos, novas palavras etc (2019, p. 11).

De toda forma a escrita não deve ser entendida hierarquicamente como um código superior, nem se deve manter e reificar a dicotomia escrita e oralidade, o que configuraria um processo de violência epistêmica.

Tais temas, apresentados nesta coleção por meio de intelectuais dos povos originários, se mostram mais ricos e complexos. É possível imaginar então a possibilidade de multiletramentos, deslocando-o moderadamente de sua relação com a escrita, que pode também ser utilizada nas atividades e processos formativos apresentados. Podemos, então, pensar em alfabecantar. Neste contexto, para Daniel Munduruku, (2017, p.1)



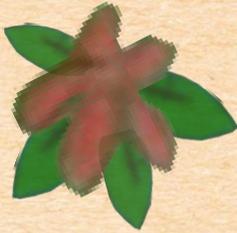
Não preciso lembrar aqui que a lógica de quem domina é totalmente diferente daquela dita anteriormente. O humano ocidental cresceu para dominar a natureza como algo fora dele. Dessa forma ele ignorou a escrita da natureza na tentativa de tornar-se dono dela. Desvalorizou as outras formas de leitura e de escrita do mundo e impôs seus próprios olhares e métodos científicos fazendo-nos crer que sua escrita era mais perfeita que aquela infinitamente mais antiga.

Como se verá, as autoras e os autores presentes na coleção Alfabecantar expandem e aprofundam o processo vinculado à noção de letramento, apontado acima. Para além de seu caráter social e múltiplo, pensam o letramento por meio de seu viés epistemológico e político. A música não é, então, apenas um recurso pedagógico, um instrumento que auxilia a compreensão de algum outro conteúdo. Ela é importante em si, para a constituição dos sujeitos e para a sustentabilidade do bioma. Para o entendimento do mundo.

Ela não é vista, igualmente, apenas como forma e significado musical, nem tampouco apenas como oralidade ou treinamento da escrita. Ela é entendida enquanto dinâmica de mundo – onde conteúdo, sentido e forma não podem ser dissociados. Para Kamer, “a musicalidade

panhi apresenta e produz um Cerrado vivo e sustentável. Ela é essencial no processo de formação escolar, pois pela musicalidade panhi se dá um complexo processo de letramento de mundo” (2019, p. 131).

Mais do que educação musical, trata-se de educação ambiental! A música Apinajé sustenta o mundo, assim como afirma Aldé acerca da música mehĩ Krahô (2013). Para a autora,



é através de suas cantorias que os Krahô mantém a respiração da terra e sua vitalidade saudável. Respiração também é ritmo, pulso. A terra respira viva continuamente. Os povos da Terra respiram junto com ela. Ritmicamente. Para os Krahô, o movimento do maracá sustenta o Pé de Mundo apesar dos desgastes contínuos provocados pelo incansável pica-pau que todos os dias tenta derrubá-lo (p.11).

A professora Taís Pocuhto Krahô, autora na presente coleção e professora da Escola Indígena 19 de Abril, na aldeia Manoel Alves Pequeno (2017, p. 21) sabe disso. Segundo a autora,



ir para o mato, por exemplo, onde se tem contato com a natureza, é fundamental para conhecer a riqueza que a natureza nos oferece. Lá os alunos aprendem observando o que acontece na natureza. Aprendem a diferenciar as épocas das colheitas de frutas do Cerrado e os meses de duração de todas as frutas que conhecem. Aprendem sobre os alimentos que podem ser consumidos pelos mehĩ e os que não podem. O que se pode comer e o que pode fazer mal ou até matar. Aprendem igualmente o que somente os animais e pássaros consomem. Conhecem a época certa da seca e da chuva, a troca dos partidos e as músicas. Nesta dinâmica de observação, aprendem as músicas das frutas e dos animais, a trançar cofo e conhecem os rios, lagos, riachos e brejos. Através da pesquisa eles conhecem sobre o território indígena Kraolândia que deve ser valorizado e conservado sempre.

Pocuhito indica acima uma sequência de conexões e vínculos entre domínios da vida e do mundo, como as frutas, os animais, os rios, o território e as músicas, problematizando então a base do imaginário moderno ocidental e colonial (Mignolo, 2005), qual seja a divisão entre natureza e cultura. O repertório musical Timbira mostra que tal divisão não faz sentido no mundo em que os animais e as plantas ensinaram suas músicas, comunicando o movimento da vida. Trata-se, portanto, também, de uma questão ontológica.

Nesta direção, Edson Xôhtyk Krahô, autor na coleção Alfabecantar e professor da Escola Indígena Toro Hacrô, na Terra Indígena Kraholândia, registra os cantos de outras espécies do universo, como os grandes animais, as aves e as palmeiras, apontando para as relações particulares presentes em outros modos de constituição e entendimento de mundo, de maneira transdisciplinar, rompendo com matrizes curriculares disciplinares, que sobretudo fragmentam os saberes.

A musicalidade Timbira constitui sem dúvida uma base fundamental para a compreensão do universo e para a formação das pessoas, por isso a importância de se pensar em processos de ensino e aprendizagem musicais. Note-se que se deve levar em consideração as particularidades da dinâmica escolar, distinta, obviamente, de outros espaços musicais, como os rituais.

A música na escola indígena aponta então para o campo do que se pode chamar pedagogias decoloniais, no sentido de Walsh (2013, pp. 2-48), pois busca refundar outras possibilidades de entendimento de mundo e de formação das pessoas, problematizando e transformando categorias eurocêntricas convencionais. E o processo de letramento de mundo expresso na noção alfabecantar ensina concretamente sobre a sustentabilidade do bioma, entendido enquanto movimento que gera a vida, rompendo com dicotomias da modernidade ocidental e apresentando uma educação ambiental, que se dá por meio de outras epistemologias.

Este alfabeto, que a natureza teima em manter vivo; esta escrita invisível aos olhos e coração do homem e da mulher urbanos, tem mantido as populações indígenas vivas em nosso imenso país. Esta escrita fantástica tem





fortalecido pessoas, povos e movimentos, pois traz em si muito mais que uma leitura do mundo conhecido. Traz também em si todos os mundos: o mundo dos espíritos, dos seres da floresta, dos encantados, das visagens visagentas, dos desencantados. Ela é uma escrita que vai além da compreensão humana, pois ela é trazida dentro do homem e da mulher indígena. E neste mundo interno, o mistério acontece com toda sua energia e força (Daniel Munduruku, 2017, p.2).

A coleção Alfabecantar: cantando o Cerrado vivo busca refletir, portanto, sobre as possibilidades e condições de práticas pedagógicas musicais e decoloniais na escola e além dela, e estimular a construção de novas matrizes curriculares, pautadas nas potencialidades presentes nos conhecimentos dos povos originários, que articulando-se a outros saberes, podem colaborar na construção de outras escolas. Busca também colaborar com a constituição de outro mundo possível. Vivo.

Trata-se de alfabecantar,



Goiânia, junho de 2020.





APRESENTAÇÃO

PÀR KÔ KĀM PR4RE MĚ PR4RE JARA.

Mě papě menhī te amjī to Krahô itajê Cupahtýj cormã mě pahcrôc xá itajê to mě pahcakôc. Ně pahtiyj mě amjikīn itjê to mě, ně tahnã mě Amjikīn mã cre. Ně tahnã mě ahcukre. Ně tahnã mě pajō pàn xá itajê ku; Peju, kwýkukã ně kwýr copu. Ně quê krī nōh kām amjikīn nō kĕtuajĕ, Pĕpcahàc, wýhtý, Ahpýnre, Pàrcahàc, Ját-jō-pý ně mě Tĕre. Quĕha tahnã krī kwý apu cuprō ně quĕha mě increr pej catĕjĕ hanean amĕ cuprō quĕha amjīkin crinare hanĕ.

Ně amjikīn itajĕ nã ahpã mě increr xá.

Cuhtoj tomĕ cre ně kōpo nã mě cre ně xy nã mě cre ně wýhtý kām mě cre. Ně increr to amĕ cre itajĕ mǎnĕ amjī krāhkôt amĕ to ajpĕ nare. Pryre nã increr ně prire jara nã increr ně pí nã increr ně ihdýj ampo cuneã nã increr. Ně hanean ahpán increr itaĕ mã pyt amcro jakràj xá. Ně hanean cumã awcapát pĕ ně awcahti jakráj xá. Kôt mã mě pajj crer mã mě pahto ajpa krī itajĕ kôt. Ně hô cute hajýr.

Pàrkô kām ampo xô hy nã ipàr itajĕ; Ronhàc, RōrhyCati, Rōrtire, Ronti, Hômjiré, Awar, Crow, Caapeêr, Wôôti, Tĕrêrê, Hot-re, Crowráre, Turhō, Cakōnti, Rōrti, Mã mĕhīhtýjamĕ tá apĕ to ipa. Jamã ihtýj Mĕ ihhĕ to mě ikre jipĕj, ně ihtýj mě ipàr jakep ně mě to crow ně mě to ahcukre. Amjī kīn nã ně ahcunī pin. Nĕ mehījōhōjĕ kre kām ampo par itajĕ cunĕa nã pa. Hamrĕ cupate. Ampo xô hy nã ipàr itajĕ to mã ihtýj Mĕ hjĕn, hô jō amcro itajĕ nã... Kôt mã hō cute hajýr. Mĕ pa pĕ mhī catĕjĕ mã. Hamrĕ.

Sou Edson Xôthyc Krahô, professor da escola indígena Toro Hacrô na aldeia Pedra Branca e pesquiso a música (Increr) de meu povo. Me tornei pesquisador no Núcleo Takinahaky da Universidade Federal de Goiás. Penso que é muito importante ensinar Increr (música) nas escolas, pois cada vez mais os jovens adultos não querem andar na floresta, no mato, para conhecer tipos de animais, aves e plantas (Pàr Kô Kām Pryre Mě Pryre Jara). Além disso, cada vez mais os anciãos estão morrendo e levando seu conhecimento para outro mundo.

As músicas dos animais, das aves e das plantas são muito importantes para os Krahô. Increr é muito importante porque com ela se realizam as festas culturais, os Amjikĩn. Ela abrange ainda todos os movimentos Krahô: a caçada, a roça (Pur) e a organização social entre os partidos catámjê e wacmejê.

Os animais, as aves e as plantas nos ensinaram seus cantos há muito tempo. Increr fala sobre saberes da natureza. A natureza é música! Por isso o povo Krahô tem que ensinar Increr para as futuras gerações. Espero que este livro didático musical, da coleção Alfabecantar, auxilie professores e alunos em práticas coletivas, comunitárias e contextualizadas, que podem ter a ver com a produção de instrumentos, caminhada na aldeia, cantoria, pesquisa no território, rodas de conversa com os anciãos etc. Afinal a música se relaciona com o mundo.

É muito interessante trabalhar com este tema para as crianças e jovens aprenderem sobre animais no campo, seus hábitos e lugares, sobre o território, as aves, seus hábitos e sobre as plantas. Além disso, nossas músicas tratam da sustentabilidade, do movimento da vida no Cerrado. Trata-se de uma educação musical e ambiental. Esse conhecimento integrado e holístico das músicas da natureza nos dá uma visão aprimorada da cultura viva e tradicional Krahô.

A minha pesquisa de animais Pryre, de aves Pryre Jara e de



palmeiras Pár kô estimulou o conhecimento e se fortaleceu muito com a colaboração destes guerreiros sábios da comunidade: o senhor José Miguel Kõejõ, o senhor Miguelito Cawkre Krahô, o professor Dirço Pôtyt Krahô e o senhor Domingos Marcos Kraté. Eles me ensinaram com muita atenção, cada parte da música. Explicaram que cada música é acompanhada por algum elemento/instrumento, tais como: Cuhtoj, Xy, Kôpo, etc. O xy, por exemplo, é usado no círculo da aldeia (kricape), o cuhtoj (maracá) no pátio central (Cá), e o hokrexé é usado pelas cantoras.

Xy



Cuthoj



Hokrexê

Meu pai Domingos Marcos Kraté é o ancião mais respeitado pela comunidade e outras aldeias. Ele é conhecido como mestre na língua. É o Pat-re de todos rituais Krahô, domina a música de Pepcahác e da machadinha Kájre. Ele sabe orientar e guiar todas as festas Amjikĩn Krahô que são: Têre Me Tep, Kýjcaju, Wúhty, Kêtuwqjê, Parti, Pépcahác e outros Amjikĩn. Ele me ensinou que cada Amjikĩn tem suas sequências de músicas. O Me hakrun xá, por exemplo, pode ser: hajuhju, ha ma ture, me tu apen kjin, ho já wa kem me poc co te, cupyt ja pac jacot.

Os anciãos me ensinaram também que cada música tem o horário certo para ser cantada.

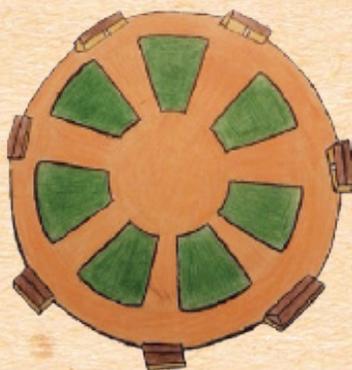
Na noite: awcapát kãn

Pela manhã: amcro kãn

Na tarde: pyt kãn

Na madrugada: Kojkwa Caprêc

A música do Mutum é na madrugada, por exemplo. A do lobo guará é das 2 h da madrugada às 7 h da manhã. Me ensinaram ainda que há músicas do Cá (pátio central), Wýhtý (casa de formação), Kricape (circunferência), da roça (Pur), da caçada e dos diversos espaços de nosso krĩ (abaixo).



Desenho: Edvaldo Paraty
Krahô. 2014. Título. Cà.

O nosso conhecimento musical é muito complexo e importante. O mestre, o senhor José Miguel, me ajudou a descobrir as antigas músicas das palmeiras (de onze espécies diferentes). Os anciãos me ensinaram também que cada espécie de árvore e de palmeira tem sua música que depende das características originais da espécie.

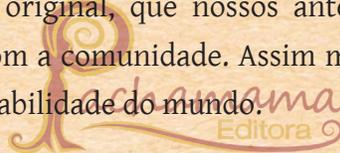


Existem 15 espécies de palmeiras nativas no território do povo Krahô, como, por exemplo, Rõr-Côco Babaçu, Awar/Inaja, Wôwôti/ Pati, Ron Hác/ Macaúba, Bacaba/ Côper, Crow/Buriti e Cumxè/ Bacuri.

Todas as palmeiras são utilizadas de diversas maneiras e são fundamentais para o mundo mehĩ. Elas são usadas na confecção de utensílios, por exemplo. O caule é usado como tora para nossas corridas, que movimentam nosso krĩ. Também existem músicas (Increr) de cada palmeira. Cada palmeira conecta-se à natureza, que se expressa na música de meu povo. Por isso, preservamos as palmeiras nativas dentro de nosso território mehĩ.

Durante os Amjikĩn Krahô, os cantores cantam essas músicas da natureza com o objetivo de movimentar da maneira possível e potente o nosso patrimônio original, que nossos antepassados praticavam no dia a dia da aldeia com a comunidade. Assim mantemos a cultura viva e garantimos a sustentabilidade do mundo.

Trata-se de manter o Cerrado vivo.





LISTA DE ANIMAIS "PR4RE ME E PR4RE JARÁ" QUE REPRESENTAM OS NOMES PRÓPRIOS E O SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS.

(DE ACORDO COM OS PARTIDOS CATAMJÊ DO INVERNO E WACMEJÊ DO VERÃO)

Nossos nomes também têm a ver com os animais, que compõem todo o universo. O nome vem através da natureza, dos animais, das aves, das árvores nativas. O nome também pode ser do sexo masculino e feminino.

1 - JÄX4 \ MATEIRO

Jäxy = sig: Mateiro = masculino = Catàmje

2 - PO \ VEADO CAMPEIRO

Pokwxj = sig: mulher veado = feminino = Wacméjê

Potyc = sig: veado preto = feminino = Catàmje

Poxen = sig: comer carne de veado = feminino = Wacmeje

Póxy = sig: veado amargo = masculino = Catàmje

3 - CARÁ \ CATINGUEIRA

Caràhkwyj = sig: mulher catingueira = feminino = Catàmje

Caràhtu = sig: fato de catingueiro = feminino = Catàmje

Caràhti = sig: perna de catingueira = masculino = Catàmje

4- CRÔRE \ CAITETU

Crôrehkrã = sig: cabeça de caitetu = masculino = Wacméje

Crôrehkwýj = sig: mulher caitetu = feminino = Wacméje

Crôrehkre = sig: toca de caitetu = masculino = Wacméje

16- TUTTI \ POMBA

Tutkwxj = sig: mulher pomba = feminino = Wacméje

17- RÕNTI \ TUCANO

Rõhcukre = sig: tucano novo empenando = masculino = Wacméje

Rõhkrã = sig: cabeça de tucano = masculino = Wacméje

18- MÃÄTI \ EMA

Mãätyc = sig: ema preta = masculino

Mããhi = sig: osso da ema = masculino = Wacméje

Mããkrýt = sig: bico da ema = feminino = Catámje

Mãärêr = sig: travessia de ema = masculino = Catámje

**19- PÂNTI \ ARARA CANIDÉ**

Pànpry = sig: pena de arara = feminino = Catámje

Pànkwxj = sig: mulher arara = feminino = Catámje

Pànwa = sig: eu sou arara = feminino = Catámje

Pinhi = sig: osso de arara = masculino = Wacméje

20- KRÝJRE \ PAPAIAO

Krýjtep = sig: papagaio vermelho = masculino = Catámje

Krýjhi = sig: osso de papagaio = masculino = Catámje



ZI- HÀCTI \ GAVIÃO

Hàchi = sig: osso de gavião = masculino = Wacméje

Hàc Krã = sig: cabeça de gavião = masculino = Wacméje

Hàc Xà = sig: doença de gavião = feminino = Wacméje

Hàckwxj = sig: mulher gavião = feminino = Wacméje

ZZ- XÔNTI \ URUBU

Xôncô = sig: urubu molhada = feminino = Catàmje

Z3- AHTORE \ ALÂMBU

Ahtorco = sig: alâmbu molhado = masculino = Wacméje

Ahtor Krã = sig: cabeça de alâmbu = masculino = Wacméje

Ahtorkwyj = sig: mulher alâmbu = feminino = Wacméje

Z4- MIITI \ JACARÉ

Miixà = sig: doença de jacaré = feminino = Catàmje

Miikwyj = sig: mulher jacaré = feminino = Catàmje

Z5- KÖÖTI \ CAMALEÃO

Kõejõ = sig: comida de camaleão = masculino = Catàmje

Kõcte = sig: perna de camaleão = feminino = Catàmje

Z6- XÊPRE \ MORCEGO

Xêp Ja Ka = sig: morcego branco = masculino = Wacméje

Xêp Pym = sig: morcego caiu = masculino = Wacméje

Xêp Ká = sig: coro de morcego = masculino = Wacméje

Xêphi = sig: osso de morcego = masculino = Wacméje

PÀR KÔ KĀM PR4RE MĚ PR4RE JARA

ALFABECANTAR: CANTANDO O CERRADO VIVO



ROPTI

Onça

Rop po tê hêêê... rop pote hêêê...

Ja hooo... ho... ja hooo... ho...

Rop po tê hêêê... rop pote hêêê...

Ja hooo... ho... ja hooo... ho...

Rop po tê hêêê... rop pote hêêê...

Ja hooo... ho... ja hooo... ho...

ROPRE

Onça



Hu huu ti cõt tô mõiõi hõ ne...

Hu huu ti cõt tô mõiõi...

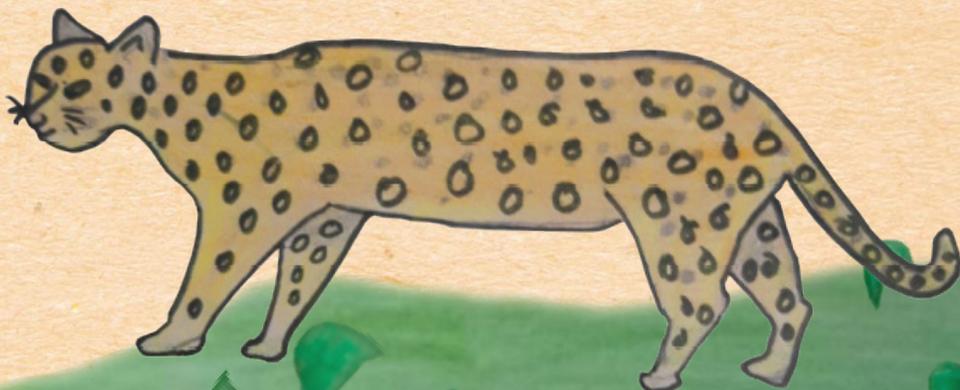
Hu huu ti cõt tô mõiõi...

Hamer re ropore hêêê...

Hamer re ropore hêêê...

Cantado por Domingos Marcos Kraté e José Miguel Kõejõ

Local: Wýhtý



TUTTI

Pombo



Tut tu hapy jaka... tut hapy jaka hê hê hê hê
Tut tu hapy jaka... tut hapy jaka hê hê hê hê
Tut tu hapy jaka... tut hapy jaka hê hê hê hê... Hêê...
Tut tu hapy jaka... tut hapy jaka hê hê hê hê... Hêê...

Cantada por José Miguel Kõejõ e Domingos Marcos Kraté
Instrumento: Maracá/Cuhtoj



PR4XUMTI

Teiú

Wa hujêêre... Wa hujêêre... Waa hu jêêre
Quê ja pryxum mu tê... Quê ja pryxum mu tê há
mõr caj hôt tô tê... Caj hôt tô tê...
Wa hujêêre... Wa hujêêre... Waa hu jêêre
Quê ja pryxum mu tê... Quê ja pryxum mu tê há
mõr caj hôt tô tê... Caj hôt tô tê...



Cantada por José Miguel Kõejõ
Instrumento: Xy
Locais: Kricape, Wýhtý

O teiú é o alimento para as pessoas mais velhas da comunidade. Só Mehkáre pode comer. O teiú vive em qualquer lugar do cerrado, dependendo de onde estiver o alimento dele.

AMXÔ

Rato

Hã um xô hôôô re... Hãmu xô hôôô re
He huru kwa ha wyr hahê to praaa
He huru kwa ha wyr hahê to praaa
Hã hamu xô hôôô re... Hãmu xô hôôô re
He huru kwa ha wyr hahê to praaa
He huru kwa ha wyr hahê to praaa

Cantado por Domingos Marcos Kraté
Instrumento: Cuhtoj

O rato é alimento. Ele vive no mato e na vereda.
Gosta de roer os frutos.



PÂTRE

Mambira \ Tamanduá Mirim

Pàt tà rê jara há pê... Pàt tà rê jara hapê
Pàt tà rê jara hapê... Hêêê...
Hirôô nã jimô hôôô...
Pàt tà rê jara hapê... Pàt tà rê jara hapê...
Pàt tà rê jara hapê... Hêêê...
Hirôô nã jimô hôôô...

Cantado por Domingos
Marcos Kraté

CUMTUM

Capivara

Hi pý pý mý re heja heja...

Hi pý pý mý re heja heja...

Hi pý pý mý re heja heja...

Cumu tum mu re rê ho cô catimã Hi pý pý mý re...

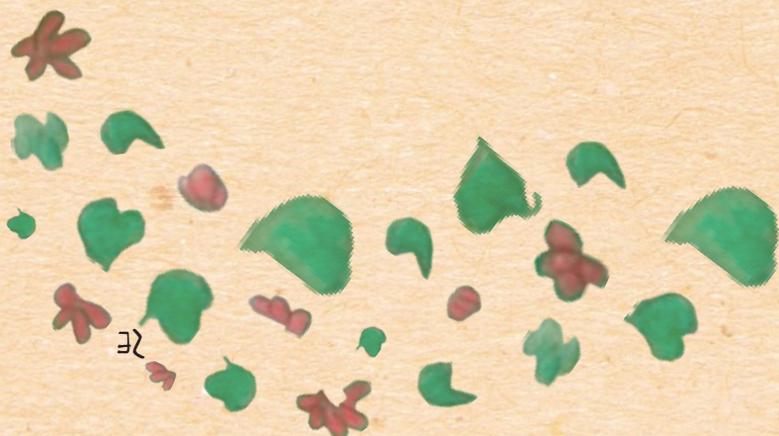
Cumu tum mu re rê ho cô catimã Hi pý pý mý re
heja heja

Cantada por José Miguel Kõejõ Krahô

Instrumento: Xy

Locais: Krikape, Wýhtý

A capivara é alimento do povo Krahô. Ela é encontrada na beira dos rios e lagoas. Ela come capim, folha de arroz e milho.



MÃÃ

Ema

Mãã re hôôô japjêêê...

Mãã re hôôô japjêêê...

Pytty ju pucjerê to te... hôôô

Mãã re hôôô japjêêê...

Mãã re hôôô japjêêê...

Mãã re hôôô japjêêê...

Pytty ju pucjerê to te... hôôô

Mãã re hôôô japjêêê...

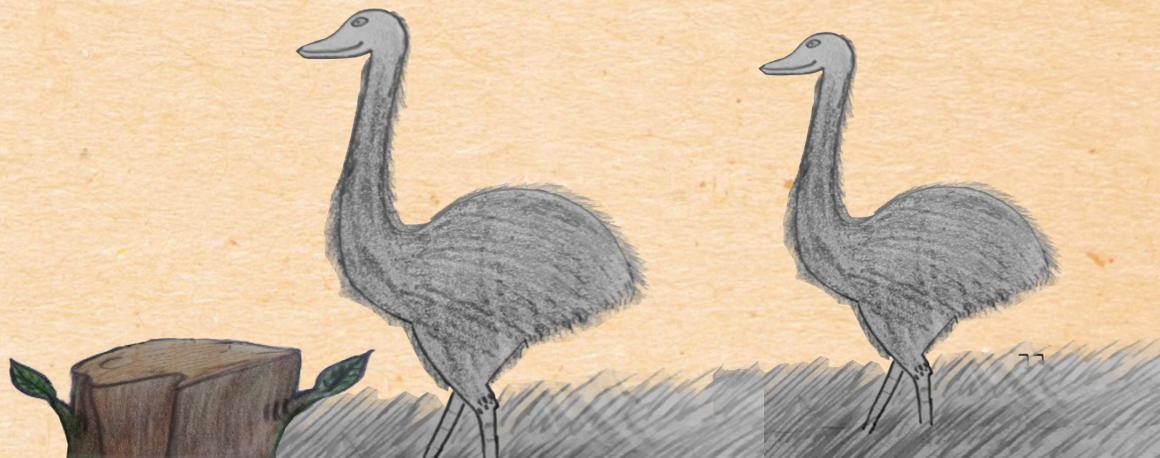
Mãã re hôôô japjêêê...

Pytty ju pucjerê to te... hôôô

Cantado por Miguelito Cawkre

Rachamama
Editora

A ema é alimento. Elas vivem no cerrado e nos campos. Comem frutas, insetos e ossos dos animais. A pena é muito boa para fazer abanador. Sua música é cantada das 6 h às 10 h da manhã.



PAITEC

Jacú

Hiwy jahe... hiwy jahe... hiwy jahe
Jo put tu tec cu re ri... ho ho wari hêêê nã hapý co
coro johe...

Hiwy jahe... hiwy jahe... hiwy jahe
Jo put tu tec cu re ri... ho ho wari hêêê nã hapý co
coro johe...

Hiwy jahe... hiwy jahe... hiwy jahe
Jo put tu tec cu re ri... ho ho wari hêêê nã hapý co
coro johe...

Cantado por José Miguel Kôejô e Domingos Marcos Kraté

Locais: Wýhtý, Kricape



O jacú é alimento. Eles vivem no mato e na floresta. Gostam de comer fruta nativa.



CUUKÊN

Cutia

Ja jumã ri ja pê ca hari ti mōōō...
Ja jumã ri ja pê ca hari ti mōōō...
Ja jumã ri ja pê ca hari ti mōōō...
Ja cuukên ni re te wôôti ja pê ca hari ti mōōō...
Ja jumã ri ja pê ca hari ti mōōō...
Ja jumã ri ja pê ca hari ti mōōō...
Ja jumã ri ja pê ca hari ti mōōō...
Ja cuukên ni re te wôôti ja pê ca hari ti mōōō...

Cantado por Domingos Marcos Kraté e José Miguel Kõejõ
Instrumento: Cuhtoj

Pachamama
Editora

A cutia é alimento. Elas vivem na chapada, mato ou floresta. Gostam de comer coco e mandioca.



CRA

Paca

Pê cra ha tê hê... Pê cra ha tê hê... Pê cra ha tê hê
Pê cra ha tê hê jõhyra ha... Pê cra ha tê hê hêjõhyra
haaa...

Pê cra ha tê hê... Pê cra ha tê hê... Pê cra ha tê hê
Pê cra ha tê hê jõhyra ha... Pê cra ha tê hê hêjõhyra
haaa...

Pê cra ha tê hê... Pê cra ha tê hê... Pê cra ha tê hê
Pê cra ha tê hê jõhyra ha... Pê cra ha tê hê hêjõhyra
haaa...

Cantado por José Miguel Kõejõ
Instrumento: Cuhtoj



A paca é alimento. Ela vive no mato e na floresta. Gosta de dormir em toca.



LOBO GUARÁ

Wa jajpê puuhu tê hêêê...
Wa jajpê puuhu tê hêêê...
Wa jajpê puuhu tê hêêê...
Jõ krêr kãm mã côôô hô tê nêêê
Wa jajpê puuhu tê hêêê...
Wa jajpê puuhu tê hêêê...
Wa jajpê puuhu tê hêêê...
Jõ krêr kãm mã côôô hô tê nêêê

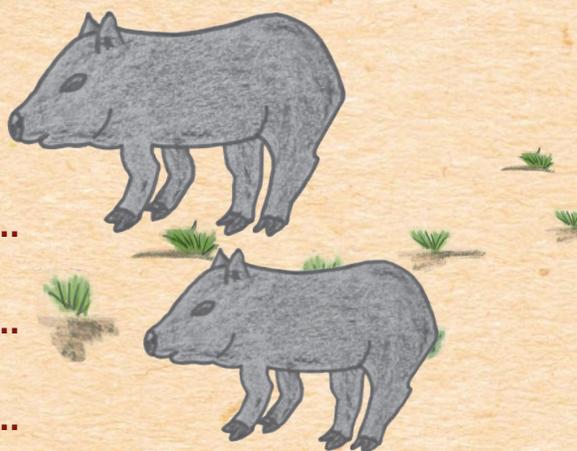
Cantado por Domingos Marcos Kraté e José Miguel Kõejõ
Horário: Madrugada

O lobo guará é alimento. Ele vive no cerrado.
Gosta de andar à noite. O lugar preferido para
dormir é na vereda. Sua música é das 2 h da
madrugada às 7 h da manhã.



CRÔRE**Caitetu**

Crôre cá há... Crôre cá há...
 Jahi hi hi hi... Jaho ho ho ho...
 Crôre cá há... Crôre cá há...
 Jahi hi hi hi... Jaho ho ho ho...
 Crôre cá há... Crôre cá há...
 Jahi hi hi hi... Jaho ho ho ho...



Cantado por José Miguel Kõejõ Krahô

O caitetu é alimento. Ele vive no mato, na floresta e na chapada. Anda em grupo.

**KÕC****Camaleão**

A krã jawên nuu re... A krã jawên nuu re...
 A krã jowên nuu re...
 Wa jajpê kõc kõõre...
 A krã jawên nuu re... A krã jawên nuu re...
 A krã jowên nuu re...
 Wa jajpê kõc kõõre...

Cantado por Domingos Marcos Kraté e José Miguel Kõejõ
 Ritual: Pepcahàc

O camaleão é alimento. Só velhos comem. Ele vive no mato, na floresta e na beira dos rios.

RÔHTI

Tucano

Hô jawa crýttý tep pe tê hêêê...
 Hô jawa crýttý tep pe tê hêêê...
 Hô jawa crýttý tep pe tê hêêê...
 Pê rã hõõõ tê hê... Pê rã hõõõ tê hê...
 Hô jawa crýttý tep pe tê hêêê...
 Hô jawa crýttý tep pe tê hêêê...
 Hô jawa crýttý tep pe tê hêêê...
 Pê rã hõõõ tê hê... Pê rã hõõõ tê hê...

Cantado por Domingos Marcos Kraté

O tucano é alimento. Ele vive voando, caçando seu alimento. Gosta de comer frutos do cerrado e da floresta.

**CRUKRYT**

Anta

Hikýre... Wahi cato ne mõi hõ ... Hikýre... Wahi cato
 ne mõi hõ ...
 Hikýre... Wahi cato ne mõi hõ ...
 Haja Cukryt krare... Wahi cato ne mõi...
 Hikýre... Wahi cato ne mõi hõ ... Hikýre...
 Wahi cato ne mõi hõ ...
 Hikýre... Wahi cato ne mõi hõ ...
 Haja Cukryt krare... Wahi cato ne mõi...

Cantado por Domingos Marcos Kraté e José Miguel
 Kõejõ





KRÊTI

Periquito

Jô kre he tire ra miji te wôô hôôô re...
Jô kre he tire ra miji te wôô hôôô re...
Ja wôôti hô kãm mã ã re... Ja wôôti hô kãm mã ã re...
Jô kre he tire ra miji te wôô hôôô re...
Jô kre he tire ra miji te wôô hôôô re...
Ja wôôti hô kãm mã ã re... Ja wôôti hô kãm mã ã re...

Cantado por Domingos Marcos Kraté

O periquito é um pequeno alimento. A pena é usada para empenação durante a cerimônia cultural. Ele vive em qualquer parte do território Krahô.



KROKROC

Papa-mel

Krokroc co ho krokroc hê rê py ne...
Hê rê py ne hê... Krokroc co ho krokroc hê rê py ne...
Xapa wajê copore py net o catê... Hê rê py ne...
Krokroc co ho krokroc hê rê py ne...
Hê rê py ne hê... Krokroc co ho krokroc hê rê py ne...
Xapa wajê copore py net o catê... Hê rê py ne...



Cantada por Domingos Marcos Kraté e José Miguel Kõejõ Krahô
Instrumento: Cuhtoj

HÂCTI

Gavião

Pô hô hô... Pô hô hô...

Pô hô hô...

Hàc kà tyc kyti... Gãra há toj mããã...

Pô hô hô... Pô hô hô...

Pô hô hô...

Hàc kà tyc kyti... Gãra há toj mããã...

Pô hô hô... Pô hô hô...

Pô hô hô...

Hàc kà tyc kyti... Gãra há toj mããã...

Cantada por Domingos Marcos Kraté e José Miguel Kõejõ

Instrumento: Xy

Locais: Kricape, Wýhtý, Roça (Pur)

Panamama
Editora

O gavião é alimento. Ele vive voando, caçando sua comida preferida. A pena do rabo serve para enfeitar a flecha. Emite um som que parece gente. Sua música é no final da tarde.





XÊP

Morcego

Xe Pe Ti, hi co co hôô... hô
Xe Pe Ti, hi co co hôô... hô
Hã mã hõ ken nê kre kãm mã... hã...
Xe Pe Ti, hi co co hôô... hô
Xe Pe Ti, hi co co hôô... hô
Hã mã hõ ken nê kre kãm mã... hã...
Xe Pe Ti, hi co co hôô... hô

Cantada por Miguel Cawkie, José Miguel Kõejõ
Instrumento: Cuhtoj

Antigamente o morcego era alimento.



PO

Veado Campeiro

Poo te hire... Pooho te hire... Cukõn nõ re cucwýry re...
Poo te hire... Pooho te hire... Cukõn nõ re cucwýry re...
Poo te hire... Pooho te hire... Cukõn nõ re cucwýry re...

Cantado por Balbino Pahcajhê Krahô
Instrumento: Xy



O veado-campeiro é alimento.
Ele vive no cerrado. Come só folhas
verdes e capim verde.

WAKÔ

Quati

Rê hê wa kô ti rêêê hê... Rê hê wa kô ti rêêê hê...

Rê hê wa kôôô ti rêêê hê...

Wa par há rê mã hô jawa cyrycyt ty ti rê...

Rê hê wa kô ti rêêê hê... Rê hê wa kô ti rêêê hê...

Rê hê wa kôôô ti rêêê hê...

Wa par há rê mã hô jawa cyrycyt ty ti rê...

Cantado por Domingos Marcos Kraté

Instrumento: Cuhtoj

O quati é alimento. Ele vive no mato e na floresta. Gosta de comer minhoca, inseto e fruta.



MIITI

Jacaré

Miiti cuxý... Miiti cuxý... Miiti cuxý...

Miiti a cuxý to côjcwa jã mir ri cuxý...

Miiti cuxý... Miiti cuxý... Miiti cuxý...

Miiti a cuxý to côjcwa jã mir ri cuxý...

Miiti cuxý... Miiti cuxý... Miiti cuxý...

Miiti a cuxý to côjcwa jã mir ri cuxý...

Cantado por Martins Zezinho Krahô

O jacaré é alimento. Ele vive na lagoa, rios e igarapé.



AHTORE

Alambú

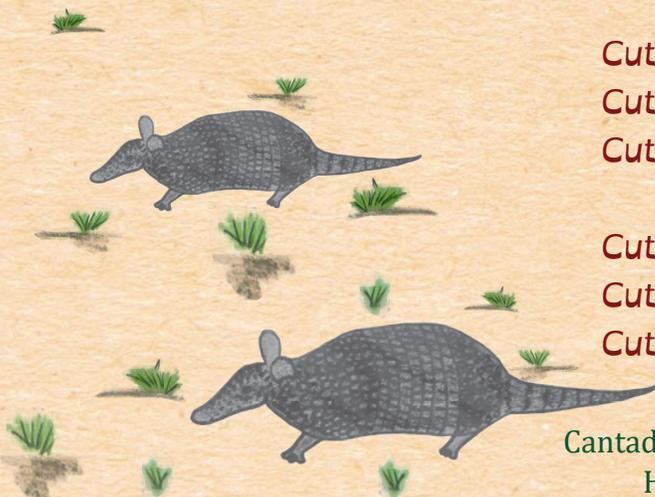
A toro re te hi capiêc quê re...
A toro re te hi capiêc quê re...
A toro re te hi capiêc quê re...
Ja hý hý hý... Ja hý hý hý... Hýýý...
A toro re te hi capiêc quê re...
A toro re te hi capiêc quê re...
A toro re te hi capiêc quê re...
Ja hý hý hý... Ja hý hý hý... Hýýý...

Cantada por José Miguel Kõejõ
Instrumento: Cuhtoj



Pachamama
Editora

TÔN
Tatu



Cute... Cute ri hapy pjêêê rê...
Cute... Cute ri hapy pjêêê rê...
Cute... Cute ri hapy pjêêê rê...
Mããã ha jô tôn nô tê...
Cute... Cute ri hapy pjêêê rê...
Cute... Cute ri hapy pjêêê rê...
Cute... Cute ri hapy pjêêê rê...
Mããã ha jô tôn nô tê...

Cantado por Domingos Marcos Kraté
Horário da música: Madrugada

O tatu é alimento. Ele vive no mato, na chapada e na floresta.

PÊÊKÊ

Perdiz

Tu wi tu wi... Tu wi hi
Tu wi tu wi... Tu wi hi
Hi wêê kê hê ti te hê ha parê caa
Xyti hê pamõ
Tu wi tu wi... Tu wi hi
Tu wi tu wi... Tu wi hi
Hi wêê kê hê ti te hê ha parê caa
Xyti hê pamõ

Cantado por Domingos Marcos Kraté
Instrumento: Xy
Locais: Kricape, Wýhtý, Roça (Pur)



A perdiz é o alimento mais gostoso. Ela vive perto da vereda e no cerrado.



CUPYT

Guariba



Cupyt ty tê hã ma hô...

Hããã maa hôôô... Hã ma hô...

Hô cupyt ty tê hã ma hô... Hô...

Cupyt ty tê hã ma hô...

Hããã maa hôôô... Hã ma hô...

Cupyt ty tê hã ma hô...



Cantado por Amazona Jaje e José Miguel Kõejõ Krahô

Local: Pátio (Cá)

O guariba é alimento. Ele vive no mato e na floresta.





XÔNTI

Urubu

Wa ri cô ã te... Wa ri cô ã te... He hee...

Wa ri cô ã te... Wa ri cô ã te... He hee...

He xônire tyc kyre tee... He...

He xônire tyc kyre tee... He...

Wa ri cô ã te... Wa ri cô ã te... He hee...

Wa ri cô ã te... Wa ri cô ã te... He hee...

He xônire tyc kyre tee... He...

He xônire tyc kyre tee... He...

Cantada por Domingos Marcos Kraté e José Miguel Kõejõ

Instrumento: Xy

Locais: Kricape, Wýhtý



O urubu é uma ave muito respeitada, porque ninguém come a carne dela.



CARÀRE

Catingueira

Mõ hõ hõ.. mõ hõ hõ... mõ hõ hõ...
 Hija caráre ta tapure mõ hõ hõ...
 Mõ hõ hõ.. mõ hõ hõ... mõ hõ hõ...
 Hija caráre ta tapure mõ hõ hõ...
 Mõ hõ hõ.. mõ hõ hõ... mõ hõ hõ...
 Hija caráre ta tapure mõ hõ hõ...

Cantado por Domingos Marcos Kraté e José Miguel Kõejõ
 Instrumento: Xy
 Locais: Kricape, Wýhtý

O catingueira é alimento. Ele vive no mato,
 floresta, carrasto (Pà) e no cerrado.

**CROJ**

Guandú

Wa jujô cwa jiot to... Wa jujô cwa jiot to... Wa jujô
 cwa jiot to...
 Mãã croj jêê crit ti re hê... Mãã croj jêê crit ti re hê...
 Wa jujô cwa jiot to... Wa jujô cwa jiot to... Wa jujô
 cwa jiot to...
 Mãã croj jêê crit ti re hê... Mãã croj jêê crit ti re hê...

Cantado por José Miguel Kõejõ

O guandú é alimento. Ele vive no mato e na
 floresta. Gosta de andar à noite.

XORE

Raposa

Ja wê xoh xore... Ja wê xoh xore...

Ja wêêê xoh xoore...

Rê pa jô wet tajapê awprore...

Ja wê xoh xore... Ja wê xoh xore...

Ja wêêê xoh xoore...

Rê pa jô wet tajapê awprore...

Ja wê xoh xore... Ja wê xoh xore...

Ja wêêê xoh xoore...

Rê pa jô wet tajapê awprore...

Cantado por Balbino Pahcajhê e por José Miguel Kõejô

Ritual: Pàrchahàc

A raposa é alimento. Ela vive no cerrado e no campo. Gosta de comer araticum, ela só anda à noite. Sua música é cantada das 22 h às 2 h da madrugada.



AWXÉT

Tatu-peba

Awxét tê ri kwý hý... Awxét tê ri kwý hý...
Awxét tê ri kwý... Awxét tê ri kwý hý...
Awxét tê ri kwý hý kre nã hõ cricrit ti ri kwý
Awxét tê ri kwý hý... Awxét tê ri kwý hý...
Awxét tê ri kwý... Awxét tê ri kwý hý...
Awxét tê ri kwý hý kre nã hõ cricrit ti ri kwý

Cantado por Domingos Marcos Kraté e José Miguel Kõejõ
Instrumento: Cuhtoj

O tatu peba é alimento. Ele vive no cerrado ou na chapada. Gosta de comer pequi e outros frutos.



RÖR

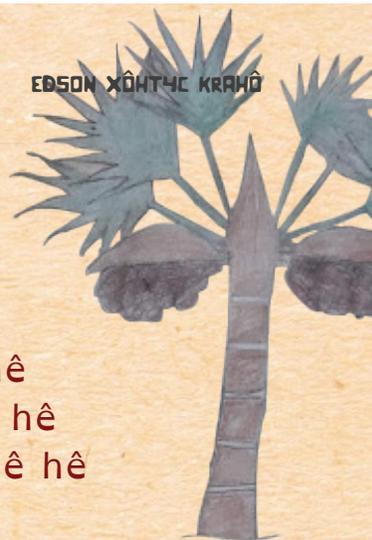
Coco Babaçu

Ha hõhõre he xõ hô hô... Harõrõre he xõ hõ
Ha hõhõre he xõ hô hô... Harõrõre he xõ hõ hõ
Ha hõhõre he oxõ hõnõre... he xõ...

Instrumento: Cuhtoj

**RÕR**

Coquinho



Rõre pyra pyra hi hê, hê hê. Hê hê
 Rõre pyra pyra hi hê, hê hê. Hê hê
 Rõre pyra pyra hi hê, hê hê. Hê hê
 Rõre pyra pyra hi hê, hê hê. Hê hê

Cup hiti jarkwa: Cupëhti é uma parte da música Incer que o pequeno pássaro Xexeu Pêêhàre cantou para um mēhĩ que estava sozinho em um acampamento de caçada. Esse mēhĩ é muito bom de memória e gravou essa cantiga rapidamente. Quando os caçadores chegaram no acampamento, o Xexeu Pêêhàre disse para esse mēhĩ que essa cantiga é a do Cupëhti. Por isso através do Xexeu e desse mēhĩ surgiu mais esse tipo de música para animar o Amjikĩn Krahô.

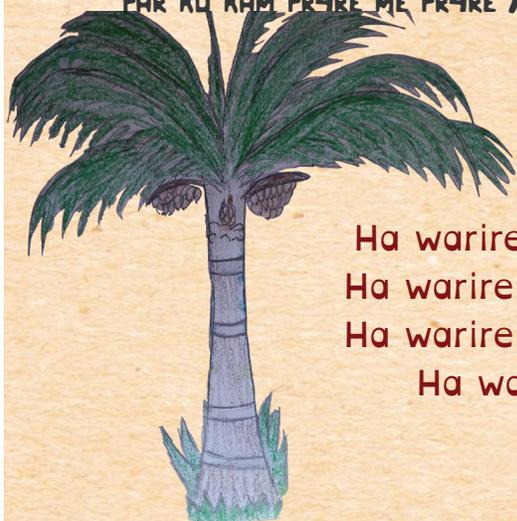
TERÊRE

Açaí do Brejo

Têrêre Têrêre hô hô hô... Têrêre Têrêre
 Têrêre hô hô hô... Têrêre Têrêre hô hô hô
 Têrêre hô hô hô... hô... Têrêre Têrêre hô
 Hô hô...

Instrumento: Cutoj





AWAR

Inajá

Ha warire xô hô hô... Hawarire xô hô hô
Ha warire xô hô hô... Hawarire xô hô hô
Ha warire xô hô hô... Hawarire xô hô hô
Ha warire jaha axô hõnõre... he xô...

Instrumento: Cuhtoj

AWAR

Inajá

Hê hawarire... Hêêê hawarire... hêêê hê hawarire
Hêêê hawarire... Hê hawarire...
Apára cacará rerixa. A hy capê rapê hêêê
Hêêê... Hêêê hawarire... hêêê hê hawarire
Hêêê hawarire... Hê hawarire... Hêêê hawarire...

Cupěhti jarkwa juphê: Cantiga ensinada pelo Xexeu dos Cupěhti (tipo de música)

WÔWÔTI

Pati

Xôô tojtoj... xôô toj toj... xôô toj toj
Xôô tojtoj... Ja wôôhôtî xô hô hôôô...

Ritual: Pepcahác – jarkwa

RON HÁC

Macaúba

Ha p n gāj gǎ... Ha p n gāj gǎ... Ha p n
Gājgǎ... Ha p n gāj gǎ... Ha p n gāj gǎ
Ronihác párinǎ...Ronihác pári nǎ hǎ...

Instrumento: Xy jarkwa

CÔPER

Bacaba

Haj p n japý... Haj p n japý... Haj p n já
Haj p n japý... Haj p n japý...
Ca a pêê parinǎ... Ca a pêê parinǎ hǎ...

Instrumento: Xy jarkwa



CAAPÊR

Bacaba

Atyc kǎmǎ wa xámure ra mujĩ cahô hô hô
N caapêê re párire, caapêê párire...
Atyc ky kǎmǎ wa xámure... ra mujĩ cahô hô hô
Atyc ky kǎmǎ wa xámure... ra mujĩ cahô hô hô
N caapêê re párire, caapêê párire...

Locais: Kricape
Mêhprêc jarkwa



CROW

Buriti

Crowa hyt tyre
 N jô crowa hyt tygre hê n jô... n jô
 Crowa hyt tyre... n jô crowa hyt tyre
 Hê n jô...
 Jĩ twýp pyri ja cot tore hê n jô hô...

Cupěhti jarkwa jophê: Cantiga ensinada pelo pássaro Xexeu Pêêhàre (tipo de música)

CROWRÁRE

Buriti



Hitwýp pý caapê... Hitwyp pý caapê...
 Hitwýp pý caapê...ãã cati hi n
 Crowararé hô jĩnõn re... Crowararé hô jĩnõn re
 Hitwýp pý caapê... Hitwýp pý caapê...
 Hitwýp pý caapê... Hitwýp pý caapê...
 Crowararé hô jĩnõnĩ... Crowararé hô jĩnõnĩ

Mehõkrum xá jarkwa: cantoria e dança

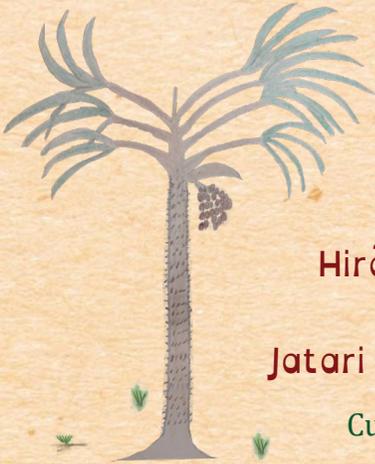


PŌJKŌRE

Jatobá-do-vaqueiro

Ja hý hý hýýý... Já pôjĩ kôre te tu re
 Ja hý hý hýýý... Já pôjĩ kôre te tu re

Párcape jarkwa: cantoria da tora pintada em vertical



CUMXÊ

Bacuri

Hirãã catti hi... Hirãã cati hi n wajê
N ká...
Jatari cumuxêre hô hô ne wata hááá...

Cuhtoh kôjkwa caprêc: maracá na madrugada

ACÁRE

Candeia

Kôj kwa rá rá há re... hô hô hô...kôj kwa rá rá hô hô há...
Kôj kwa rá rá há re... hô hô hô
Acáre h hô hô hã... rumu wa m mõ rumuwa wa m mõ...

Párcape jarkwa: cantoria da tora pintada em vertical



PRIN

Pequi



Prĩ ñĩ pári ñã wa jêr tê... jêr tê
Prĩ ñĩ pári ñã wa jêr tê... jêr tê
Prĩ ñĩ pári ñã wa jêr tê... jêr tê
jêr tê... jarã jakare ñã wa jêr tê...

Cuhtoj kôjkwa caprêc: maracá na madrugada

KEN

Pedra

Jõ k n n cati he ñã wajêr tê... jêr tê
Jõ k n n cati he ñã wajêr tê... jêr tê
Páná re ra jêr tê ra jêr tê.... jêr tê

Cuhtoj kôjkwa caprêc: maracá na madrugada

PÀR KÔ KĀM PR4RE MĚ PR4RE JARA

ALFABECANTAR: CANTANDO O CERRADO VIVO



EPÍLOGO

AQURI GÔHTAX KĀM MĚ ŐKREPŐX

Ÿhÿ? Cupě krĀjagrô ita pē: mām mē panquētjē nō ita ma hujahēr totě. Krī pē ampa pē, nē ra awry tu. Pea nē ra impar to tē, pē ajco cre, cupě krĀjagrô ita. Pea mĀ pē jum ita hujaēr caca, nē kām hÿrmĀ ihcuhēa to mō. HÿmĀ ipim xuar to mō. Pea pē rôrti catia kre kām harkwa hapôj. Pē ajco increr ita to impej crinare. Pap pēa jūm ita hōmpmu nē tahnā cato nē impar krĀn né ma hpÿ mĀ krī má tē.

Nē awcapát pē kām nō nē apu kām amjĭ kĀmpa. Pea nē amjĭ kām hapac né ipēr hÿrmĀ hōtkēt increr kwý jahkre pej kxuw. Pea nē hÿrmĀ tē. Nē tē nē ipēr tahnā ipôj nē tahnā jy. Pea nē cute impar ita to pyt nē increr kwý jahkre tej nē ma hapý mĀ tē. Pea mĀ cute mē tahnā rôrti cahhêc nē mē to cator nē mē ihcuran nē mē to caxár.

Pē cupě krĀjagrô ita apu hakrô Kôt mĀ pē mē cumĀ haprý to haně... cwýr japê mĀ mehĭ amě icrer.

Pryre, pryre jara, pĭ, nē ihtýrampo nĀ increr itajê.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDÈ, Veronica Sustentando o Cerrado na Respiração do Maracá: conversas com os Mestres Krahô / Verônica Aldè. Brasília, 2013. 72 p. Dissertação de Mestrado – Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília. Brasília.

APINAJÉ, Giralдин, Cassiano Sotero. Odair. As Tradições Orais Já Não Bastam: A Pesquisa como estratégia de preservação. Em: Revista Pós Ciências – Repocs/ Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, v.15,n.29,2018.

BAXY APINAJÉ, S. A dinâmica Panhi dos temas contextuais. Goiânia: Revista Articulando e Construindo Saberes, no 4, 2019.

BONFIL BATALLA, Guillermo. El concepto de índio en América: una categoría de la situación colonial. Revista del Instituto de Investigaciones Antropológicas. Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), Vol. 9, 1972.

HERBETTA, Alexandre. Considerações sobre processos colaborativos de coteorização: diálogos entre o projeto Milpas Educativas e o Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena. v. 4 (2019): Revista Articulando e Construindo Saberes, 2019.

KAMER, Julio. MÊ IXPAPXÀ MÊ IXÀHPUMUNH MÊ IXUJAHKREXÀ TERRITÓRIO, SABERES E ANCESTRALIDADE NOS PROCESSOS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR PANHÍ. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Goiás, 2019.

LADEIRA, Maria Elisa. Timbira, nossas coisas, nossos saberes: coleções de museus e produção da vida. São paulo: CTI – CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA, 2012.

MIGNOLO, Walter D. La Idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa (2007 [2005]).

MUNDURUKU, Daniel. A escrita e a autoria fortalecendo a identidade. http://pib.socioambiental.org/pt/A_escrita_e_a_autoria_fortalecendo_a_identidade.s/d.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. Mbaima Metlon: Narrativas de mulheres indígenas em situação urbana. Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 134-150, maio 2020.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. Políticas de retomada de línguas indígenas em diferentes contextos epistêmicos. articulando e construindo saberes, v. 4, p. 30-45, 2019.

POCUHTO, Tais et al. Mẽ pahte amji ton xà n ry ipinkrên nare, kôt cu pahtyj me to ihtyj: práticas pedagógicas decoloniais e musicais na escola 19 de abril da aldeia Manoel Alves Pequeno. Em: PAHTE MÊ AMJÍ TON XÀ ITAJÊ CUNÊA, NÊ Rÿ IPINKRÊN NARE, KÔT CU PAHTYJ MÊ TO IHTÿJ, MÊ PAH CUNÊA JAKRY XÀ CAXUW: subsídios à prática pedagógica musical e decolonial a partir de experiências escolares Krahô. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.

PUCCI, Magda; ALMEIDA, Berenice. Cantos da floresta: iniciação ao universo musical indígena. São Paulo: Peirópolis, 2017.

WALSH, Catherine. Pedagogias decoloniales. Practicas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir. Tomo I. Serie Pensamiento Decolonial. Abya Yala. 2013.

NOTAS DE FIM

1 A edição dos quatro primeiros livros da coleção Alfabecantar: cantando o Cerrado vivo, Pàr Kô Kâm Pryre M Pryre Jara, Gernhõxwỳnh Nywjê – Fortalecimento da cantoria entre os jovens nos rituais Apinajé, Tep mẽ Têêre e Pjêcre Haahê Kâm Ihcuhê Jõ Amji Kin Mẽ Panquêtjê Jujarẽn Xà, com foco em populações Timbira e em seus incríveis sistemas musicais, conta com o precioso e fundamental apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), por meio da chamada 7/2014 – Universal.

2 É Professor Associado da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde atua no Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Doutor em Antropologia Social pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

3 Busco usar a expressão povos originários em substituição aos termos “índio” e “indígena”, para me referir aos mais de 300 povos originários que habitam o território brasileiro de maneira ancestral. Faço isso por considerar tais termos coloniais, já que denominados no processo de colonização, pelo colonizador (ver bonfil batalla, 1972, Munduruku, 2016 e Pachamama, 2020). Nos casos em que nomeio a escola e o movimento de mobilização política como indígena, isto se dá pelo uso comum entre as/os intelectuais indígenas e respeitando os termos usados na luta pela conquista e manutenção de seus direitos políticos.

4 As músicas apresentadas nos livros da coleção Alfabecantar: cantando o Cerrado vivo estarão disponíveis em suporte anexado ao fim de cada volume e, também, na plataforma digital <https://alfabecantar.wordpress.com>. Neste espaço virtual estarão disponíveis planos de aula, atividades e projetos pedagógicos inspiradores e inspirados pela proposta da coleção. O objetivo é, assim como faz outros importantes projetos (por exemplo Pucci; Almeida, 2017), apoiar o trabalho de educadoras e educadores, em escolas e em outros espaços de ensino e aprendizagem, com base em musicalidades indígenas, ricas e potentes, de modo a tratarem de temas como sustentabilidade, diversidade, desenvolvimento, além de outros temas afins, centrais para a compreensão do mundo e para a formação de pessoas.

